



## IX CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA Portugal, território de territórios

---

---

ÁREA TEMÁTICA: Teorias e Metodologias [AT]

---

---

### LIMITES DA PROSPETIVA E POTENCIALIDADE DOS “ESTUDOS DO FUTURO” EM SOCIOLOGIA

---

---

SOARES, Paula Alexandra

Doutoranda em Sociologia, ECS/Universidade de Évora e CICS.NOVA - Pólo da Universidade de Évora, [viegassoares.paula@gmail.com](mailto:viegassoares.paula@gmail.com)

---

CHAINHO, Carla

Doutoranda em Sociologia, ECS/Universidade de Évora e CICS.NOVA - Pólo da Universidade de Évora, [cchainho@gmail.com](mailto:cchainho@gmail.com)

---

BALÃO, Ana

Doutoranda em Sociologia, ECS/Universidade de Évora e CICS.NOVA - Pólo da Universidade de Évora,, [ana.balao@hotmail.com](mailto:ana.balao@hotmail.com)



### Resumo

O presente trabalho é desenvolvido com o objetivo de evidenciar e caracterizar a utilidade, as potencialidades e os limites da prospectiva e dos estudos do futuro em sociologia. Rémy Hess afirmou que os sociólogos sonham com a possibilidade de um dia as suas investigações contribuírem para mudança (Guerra, 2010). Assim, parece-nos haver inúmeras vantagens ao associarmos os estudos sociológicos às metodologias prospectivas dos “estudos do futuro”. O principal interesse desta abordagem é antecipar cenários, o que possibilita uma estruturação consistente, útil e eficaz para delinear estratégias de ação coletivas (Alvarenga e Carvalho, 2007). Porém, pode colocar-se um conjunto de questões epistemológicas sobre a participação dos sociólogos/investigadores nos processos em que são, simultaneamente investigadores das relações que se estabelecem entre atores. O futuro pode ser produzido e modificado pelas ações dos atores sociais (Godet, 1993), sejam estes individuais ou coletivos, através da proposta de estudos que caracterizem a sociedade futura nas suas diferentes dimensões: social, económica, cultural, o que conduz segundo Perestrelo et al (2000a), a uma maior envolvimento por parte desses mesmos atores. Esta comunicação debruça-se, pois, sobre a utilidade e as potencialidades dos métodos e das técnicas da prospectiva e dos estudos do futuro para diferentes contextos de investigação sociológica e sobre e sobre os limites epistemológicos que se colocam ao seu uso por esta ciência social.

### Abstract

This work is developed in order to demonstrate and characterize the usefulness, potential and limits of foresight and future studies in sociology. Rémy Hess he said sociologists dream of the possibility of one day his investigations contribute to change (Guerra, 2010). So, it seems there are numerous advantages to associate sociological studies to forward-looking methodologies of "studies of the future." The main interest of this approach is anticipated scenarios, enabling a consistent, effective and useful to outline structure collective action strategies (Alvarenga e Carvalho, 2007). However, you can put up a set of epistemological questions about the participation of sociologists / researchers in the processes that are both researchers from the relationships established between actors. The future can be produced and modified by the actions of social (Godet, 1993), be they individual or collective, by proposing studies that characterize the future society in its different dimensions: social, economic, cultural, leading second Perestrelo et al (2000a), greater involvement by these same actors. This Communication focuses therefore on the usefulness and potential of the methods and techniques of foresight and future studies for different contexts of sociological research and on and on the epistemological limits posed to their use for this social science.

Palavras-chave: Cooperação Territorial; Profissões; Educação; Metodologia; Prospectiva.

Keywords: Territorial Cooperation; Professions; Education; Methodology; Prospective.

[COM0691]



## Introdução

Este artigo tem como intenção mostrar e caracterizar os limites e potencialidades da prospetiva, assim como demonstrar que se trata de uma metodologia transversal a diversos objetos de estudo. Esta metodologia pode-se aplicar a várias áreas do saber, sendo que as aqui mencionadas estão relacionadas com investigações em curso. Tal como todas as metodologias, também a prospetiva possui potencialidades e limites. Antes de referir quais os seus limites e as suas potencialidades foi necessário mencionar e contextualizar a génese, origem, desta metodologia. Sendo necessário salientar que os nossos estudos prospetivos se encontram baseados na investigação-ação seguindo a corrente da escola francesa, segundo a qual os atores assumem um papel relevante na ação. Esta metodologia implica a construção de cenários através da identificação de variáveis chave que nos possibilitam caracterizar o sistema, determinar os atores e as suas estratégias. A prospetiva encontra-se enquadrada no campo dos *Future Studies*, trata-se de uma metodologia de carácter interdisciplinar que se dedica ao estudo das mudanças passadas e presentes e tem como objetivo antecipar/traçar futuros possíveis e facilitar a mobilização dos atores. A sociologia dedica-se a vários estudos de carácter prospetivo, e o seu interesse pela análise prospetiva poderá estar associada às mudanças sociais que originaram novas problemáticas, que surgiram no início do século XX.

A prospetiva é pois um instrumento metodológico que liga o passado, o presente e o futuro, onde as decisões possuem uma direção em relação a uma visão partilhada e concretizável.

Os estudos aqui referidos desenvolvem-se em diversos contextos de investigação sociológica: cooperação intermunicipal, avaliação de escolas e as dinâmicas de ação dos Fisioterapeutas Portugueses na recontextualização das suas práticas profissionais.

### 1. Genesis da prospetiva – escolas francesa e anglo-saxónica

Os “estudos sobre o futuro” incluem as atividades de *Foresight* (de tradição anglo-saxónica) e de *La Prospective* (oriunda da chamada escola francesa, desenvolvida, entre outros, por Gaston Berger, Bertrand de Jouvenel e, mais recentemente, por Michel Godet). *Foresight* sempre existiu embora sob diferentes nomes.

O termo Prospetiva surge no séc. XIX com o significado de "olhar para o futuro", foi desenvolvida em França no final da Segunda Guerra Mundial com base na preocupação de alguns humanistas da administração e política, envolvidos na reconstrução do país, considerando as necessidades económicas e as tendências sociais. Essa preocupação conduziu a diferentes planos de análise e de reflexão sobre os objetivos a atingir a longo prazo, com base nas decisões tomadas na prática diária para “previsão” do futuro.

Em 1957 Gaston Berger, por muitos autores considerado o pai da Prospetiva francesa, criou o *Centre International de Prospective*, do qual foi diretor, bem como a revista *Prospective*, que foi editada entre 1958 e 1969. Berger afirmava que tomar uma atitude prospetiva envolvia preparação para a ação e acreditava na relação entre o futuro e ação.

Bertrand de Jouvenel foi considerado um visionário da ecologia e um liberal, escreveu *L'Art de la conjecture* em 1964. Em 1960 com o apoio da Fundação Ford iniciou um projeto conhecido como *Futuribles*, que consistia em reunir núcleos internacionais de especialistas de diferentes áreas científicas com objetivo de criar representações de futuros possíveis e desejáveis. Foi o primeiro presidente da *World Futures Studies Federation (WFSF)* de 1973 a 1974 e pioneiro de *La Prospective*. Encarava o futuro como um campo de liberdade e poder, e a sua intervenção na sociedade francesa esteve subordinada à associação DATAR (Délégation à l'aménagement du territoire et à l'action régionale). Falou insistentemente na necessidade de se distinguir as noções de futuro dominável e de futuro dominante e da necessidade de

existir uma visão global, de longo prazo na tomada de decisão. No entanto nunca afirmou poder saber-se algo sobre o futuro mas tentou investigar questões sobre os futuros possíveis e se estes podem ou não ser um meio para melhor compreender as situações presentes.

Um dos principais especialistas em estudos futuros nos EUA é Herman Khan, que iniciou a sua carreira como Físico e Matemático na *Rand Corporation*, e mais tarde em 1961 fundou o *Hudson Institute* depois de sair da Rand. Em 1967 escreveu o livro *The Year 2000 – A Framework for Speculation on the Next Thirty-Three Years*, que pretendeu mostrar que o futuro poderia ser seriamente estudado como ferramenta científica. “Mas esse livro corporiza apenas uma parte das suas contribuições para o campo dos *Futures Studies* que abrangeram contribuições para o desenvolvimento do Método dos Cenários” (Alvarenga & Carvalho, 2007, pp. 8-9).

Nos anos 90, a prospetiva ganha um novo incremento através da realização estudos prospetivos por parte de diversas entidades governamentais, os exercícios prospetivos generalizam-se em diversas geografias.

## **2. Evidenciar e caracterizar a metodologia prospetiva**

A metodologia prospetiva inscreve-se numa nova forma de produzir conhecimento, a investigação-ação, lugar onde, o investigador já não está distanciado do seu objeto mas em que está inserido na ação. Mas além disso, há abertura e é fundamental a participação dos diferentes atores. A metodologia prospetiva abre possibilidade à participação dos diversos interessados que, inclusivamente, podem mudar, ou seja, no passado tenham sido uns e no presente outros se constituem como tal.

Saragoça refere que a “prospetiva constitui-se como uma metodologia adequada ao planeamento estratégico, logo, com enorme potencial para intervenções orientadas para o desenvolvimento das organizações e dos territórios em busca de um futuro desejável, nas quais é comum participarem, em equipa, diversos especialistas, entre eles sociólogos” (Saragoça, 2012, p.3).

A análise que aqui se apresenta foca-se na Escola Francesa da Prospetiva, na qual os atores assumem um papel relevante na ação. Assim, implica centrarmos a nossa abordagem na cenarização, de acordo com Godet os cenários constituem-se como “um conjunto formado pela descrição de uma situação futura e do encaminhamento dos acontecimentos que permitem passar da situação de origem a essa situação futura” (Godet, 2000, p. 19).

O método dos cenários tem como objetivos: identificar as variáveis chave que caracterizam o sistema, determinar os atores e as suas estratégias, os meios que despendem para concretizar os objetivos e, ainda, descrever a evolução do sistema através da utilização de cenários (Santos, 2011, p. 5).

Esta metodologia, tal como protagonizado por Godet (1993), é composta por duas fases: a construção de base e a construção dos cenários. A construção de base é composta pela delimitação do sistema, pela identificação das variáveis-chave e pela análise da estratégia de atores. A segunda grande fase é constituída pela construção de hipóteses, consulta a peritos e pela hierarquização de cenários.

Para a concretização desta metodologia foram desenvolvidos diversos métodos, conforme representa a Figura 1, têm a virtude de não necessitarem de ser utilizados em simultâneo em todas as situações em concreto. Podem fazer-se escolhas relativamente aos métodos a utilizar.

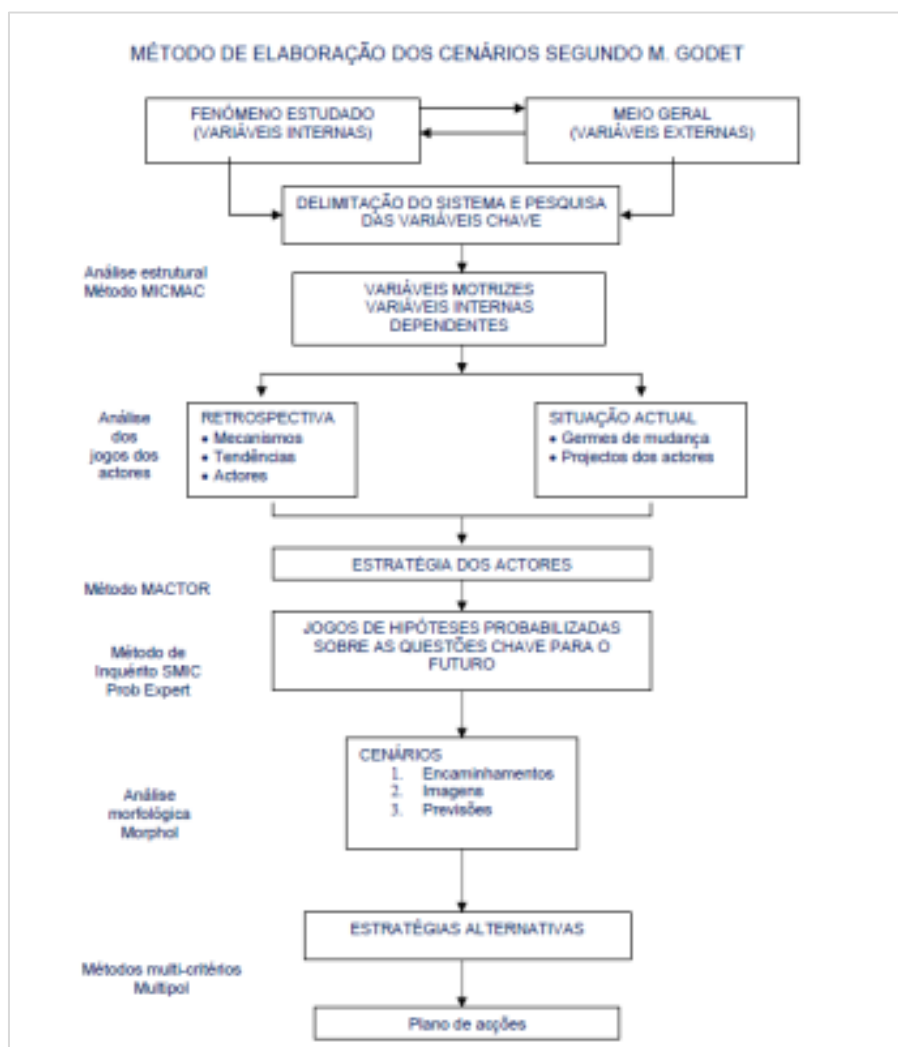


Figura 1 - Método dos Cenários Segundo Godet. Fonte: Godet, 1993; Santos, 2011

A prospectiva encontra-se enquadrada no campo dos *Future Studies*, trata-se de uma metodologia de carácter interdisciplinar que se dedica ao estudo das mudanças passadas e presentes e tem como objetivo de antecipar/traçar futuros possíveis e facilitar a mobilização dos atores. A prospectiva é entendida como uma metodologia com grande potencial sobretudo no que diz respeito a intervenções orientadas para o desenvolvimento e mudança das organizações (Saragoça et al., 2014).

Os atores raramente têm objetivos claros e projetos coerentes; os projetos são múltiplos, ambíguos e não necessariamente declarados, por vezes contraditórios (duma racionalidade técnica e simplista). A ambiguidade não significa acaso ou incerteza, significa que um elemento pode ser interpretado de várias formas, sem que se conheça a versão correta.

Tal como refere Perestrelo e Caldas, “a Estratégia de Actores, sendo uma das etapas da metodologia prospectiva de elaboração de cenários, pode também, como a experiência mostra, ser utilizada isoladamente, constituindo um bom instrumento na dinamização da participação dos atores, protagonistas de qualquer processo de mudança” (Perestrelo et al., 2000, p. 2).

A construção de um quadro de estratégia de atores permite a identificação e caracterização dos diferentes atores-chave, as alianças entre grupos de atores, onde se confrontam relações de força que advém da análise

sobre projetos dos atores, sendo identificado o «poder» de cada um (face à problemática em causa) e a elaboração de um conjunto de recomendações estratégicas bem como as suas possibilidades de concretização (Perestrelo et al., 1996; Guerra, 2010). A utilização do método MICMAC (Matriz de Impactos Cruzados de Multiplicação Aplicada a uma Classificação) irá auxiliar na emergência das variáveis chave à evolução do sistema (variáveis influentes e variáveis dependentes) (Balão & Saragoça, 2014, p. 562)

O ator irá descobrir outros projetos, outros objetivos que não os originalmente estabelecidos ao longo do processo. Todo o comportamento do ator é considerado ação, incluindo a não ação, é uma ação (inação é uma escolha, portanto, uma ação).

Após a concretização da análise estrutural, importa realizar a construção do quadro de estratégia de atores. O método de análise dos jogos de actores – MACTOR – “procura analisar como se posicionam relativamente a elas [variáveis-chave] os principais actores, ou seja, compreender eventuais alianças, conflitos e estratégias” (Saragoça, 2013, p. 350).

Os objetivos de aplicação do método MACTOR são: identificar os projetos e as motivações dos diferentes atores; identificar os desafios e os objetivos, as convergências e divergências entre atores; efetuar a hierarquização dos objetivos e as táticas possíveis; avaliar as relações de força existentes; formular hipóteses sobre tendências e elaborar recomendações estratégicas, especificando as suas condições de viabilidade (Godet, 1993). Em torno das questões-chave e das hipóteses formuladas desenvolver-se-á a construção de cenários.

Após a concretização da construção da base passamos à fase de construção dos cenários, ou seja, a análise morfológica. Esta fase consiste em: 1) na escolha das dimensões e hipóteses associadas; 2) consulta a peritos e 3) hierarquização dos cenários (Saragoça, 2013, p. 350).

A concretização destas etapas pode ser objeto da utilização de diversos programas informáticos, construídos pelo LIPSOR - Laboratorio de Investigación en Prospectiva, Estrategia y Organización – como são o método de inquérito SMIC Prob Expert, Análise Morfológica Morphol<sup>1</sup> e Métodos multi-critérios Multipol.

### **3. Estudos prospetivos e a sociologia**

A Sociologia desde há quase meio século que se interessa pelos estudos da Prospetiva. Os trabalhos de autores como William Fielding Ogburn e Seabury Colum Gilfillan (anos 30 do sec XX) que associavam a análise social e o uso da tecnologia. Estes autores são identificados como exemplos do interesse da sociologia por este tipo de análise (Bell, 1996; Saragoça, 2012). No entanto, várias décadas antes, mesmo antes da I Guerra Mundial tiveram lugar estudos sobre o futuro inseridos em movimentos de planeamento nacional (Bell, 1996).

O conceito moderno dos future studies teve a sua visibilidade nos anos 60 do século passado, como são disso exemplo as obras de *The image of the future* de Fred L. Polak e *L'art de la conjecture* de Bertrand de Jouvenel que, nesta mesma obra, lança o conceito de “futurível” (futuros possíveis) (Godet & Durance, 2011). Fruto do interesse pela análise prospetiva deu origem à criação da *World Futures Studies Federation* (Paris, 1973)<sup>2</sup>. Mas não devemos escamotear o interesse que o homem sempre teve pelo futuro (Bell, 1996, Gabiña, 1998, Miklos, 2008, Masini, 2011) ainda que para tal não utilizasse recursos científicos para conceptualizar o futuro.

A génese do interesse da sociologia pela análise prospetiva poderá estar interligada com as notáveis mudanças sociais que geraram novas problemáticas, ocorridas no início do século XX e que, como referido por Guerra (2010), deram origem a encomendas de intervenção sociológica e de novos objetos no âmbito da sociologia de intervenção.

A prospetiva está intimamente ligada com a mudança, “constitui uma antecipação (pré-activa e pró-activa) para esclarecer a acção presente à luz dos futuros possíveis e desejáveis” (Godet *et al.*, 2011, p. 9) também o sociólogo possui o desejo de influenciar essa mudança, como diz R. Hess (1983) citado por Guerra (2010, p. 9) “Todo o sociólogo teve o desejo de ver as suas pesquisas modificarem a sociedade. Por detrás de qualquer



sociólogo dormita a ideia de mudança social”. Tal como a prospetiva, também a sociologia se preocupa com a incerteza e através da utilização de metodologia científica, procura reduzir a incerteza e olhar para o futuro de modo prospetivo.

De acordo com esta autora, os vínculos entre a sociologia e os estudos do futuro são visíveis desde o início do século XX, através da obra de Wendell Bell onde se enfatiza as contribuições de diversos sociólogos para os estudos de futuro tal como hoje são entendidos, continuando na década de 60 com os contributos do sociólogo John McHale e da sua análise sobre a evolução das necessidades das sociedades. Também na década seguinte, através da *Commission Toward the Year 2000* (Bell, 1996; Concheiro et al., 2013) vários são os exemplos de sociólogos contribuíram para este campo de estudo. Também o americano Harold Lasswell através da sua análise sobre o processo de tomada de decisão influenciaram os *future studies*.

A rápida mudança e a incerteza a que está sujeita a sociedade requer, tal como podemos constatar, uma grande interdisciplinaridade e aplicação de uma combinação de métodos oriundos de diversas ciências “Sin duda un trabajo difícil, pero los estudios de los futuros lo han estado intentando durante décadas” (Concheiro *et al*, 2013, p. 144). O questionamento faz-se também em torno do sociólogo do futuro e a este respeito Marcotte (2002) diz que “Qui peut savoir quel sera l'avenir de la sociologie ou même de l'humanité? Toutefois, je suis persuadé que le rôle du sociologue du futur sera celui de conseiller les décideurs sur des questions cruciales de survie de la communauté”. Esta questão transporta-nos para um campo onde a sociologia além de analisar as regularidades que se operam no seio das interações sociais (passado e presente) analisando a estrutura, ainda que de forma não determinista e tendo presente que a ação dos atores é fundamental para o devir dessas interações mas também o seu contributo relativamente aos futuros possíveis, tendo em conta “determinismos do passado e da confrontação dos projetos de atores” (Godet, 1993, p.34). Esta relação não está isenta de conflitos, importa que cada disciplina tenha a preocupação de reavaliar os seus pressupostos pois nem tudo o que existe hoje já existiu ou vai permanecer, o futuro pode conter coisas que nunca existiram, não está escrito mas por fazer, é repleto de possibilidades, de *futuribles* (Godet, 1993; Bell, 1996; Gabiña, 1998; Jouvenel, 2004).

#### **4. Limites da prospetiva e potencialidade dos “estudos do futuro”**

Os estudos de futuro apresentam um conjunto de capacidades para o estudo das interações entre os indivíduos, das organizações e coletividades que estes criam (e recriam), os comportamentos que adotam, objeto de estudo da sociologia.

Os estudos de futuro têm vindo a aumentar significativamente, fruto deste crescimento também as terminologias utilizadas são bastante diversas, como por exemplo: *technology forecast*, *technology foresight*, *social foresight*, *monitoring*, *prospective studies*, *roadmapping*, *scenarios studies*, *multicriteria decision analysis*, *competitive intelligence*, *future studies*, *futures field*, *futures research*, *futuristics*, etc. Contudo, os termos mais frequentemente utilizados são, na língua inglesa: *forecast(ing)*, *foresight(ing)* e *future studies*; em francês: *Futuribles* e *La Prospective*.

O facto de sermos confrontados com tão grande variedade de termos leva a que seja difícil “estabelecer diferenças entre níveis de abrangência nos usos de tais abordagens, métodos e técnicas” (Saragoça, 2012).

O recurso aos métodos da prospetiva permitem explorar o futuro de modo organizado e sistematizado. A investigação desenvolvida com recurso a metodologias prospetivas afasta-nos da regra causa-efeito, de curto prazo e de projeção, incorporando os futuros no presente (Miklos, 2008). Contudo, estamos no tempo onde tudo acontece de forma acelerada que, muitas vezes, induz a ideia que a decisão tem de ser produzida no curto prazo. A prospetiva enquanto instrumento metodológico que liga o passado, o presente e o futuro, onde as decisões possuem uma direção em relação a uma visão partilhada e não são apenas reativas, em que se promove uma cultura de antecipação e de liberdade de decisão (Godet, 1993; Gabiña, 1998; Miklos, 2008) têm a capacidade de articular o tempo político (curto prazo) e o tempo prospetivo (longo prazo). Pelo facto de se

constituir como uma ferramenta de reflexão estratégica e de disciplina necessária para definir as grandes orientações e as decisões que afetam o futuro, respeitando as particularidades e interesses individuais (dos indivíduos ou dos grupos) ainda que concertados, tem capacidade para produzir ações mais ou menos sustentáveis e compatíveis, fruto de negociações, de compromissos e que são alvo de uma vigilância contínua. O conhecimento da realidade ou diagnóstico “pressupõe uma sistematização de dados e informação sobre a situação ou problema de uma determinada realidade ou contexto, em que são abordados os ângulos que enformam a natureza do problema ou situação, as necessidades e todas as variáveis que condicionam e influenciam o objeto de análise” (Fialho *et al.*, 2015, p. 34).

Se por um lado, temos a vantagem deste ser um processo que permite «desocultar» uma realidade, de a conhecer de forma aprofundada, de permitir determinar a profundidade de uma dada situação ou problema, não devemos esquecer que o diagnóstico pode também ser fonte daquilo que Alvarenga (2007) denomina de *Chaos*, ou seja, o facto de na prospetiva existir a tendência para relacionar tudo, facto que pode levar a que o decisor não consiga decidir pelo excesso de relações com que é confrontado, nas palavras do autor, pode levar ao “afogamento” do decisor. Parece-nos que a primeira precaução a tomar é o conhecimento e a escolha sobre as técnicas e os instrumentos a adoptar, não existem fórmulas perfeitas para a realização destas escolhas mas, certamente, o contexto (interno e externo) em que é realizado o diagnóstico, o tempo para a sua realização e os recursos (materiais e humanos) disponíveis ajudarão a formular a escolhas sobre métodos e técnicas a utilizar para a sua concretização (Guerra, 2010; Fialho *et al.*, 2015).

Os futuros possíveis são resultado da vontade e da ação dos atores, ainda que sujeitos a forças internas e externas que os moldam (Legna, 2005) e, por isso, a qualquer momento podem surgir factos inesperados que afetam todo o desenvolvimento da ação. Por isso, é necessário olhar a relação entre os atores e o sistema e sobre a lógica da ação em que os atores atuam e promovem a mudança (Guerra, 2010). Nas palavras de Perestrelo & Caldas (1996) há uma maior prudência na construção do futuro, uma maior descrença no prolongamento de relações e de tendências e uma abertura a diferentes possibilidades dependentes das escolhas de indivíduos e de grupos.

Os cenários que enformam os futuros possíveis podem mudar a qualquer instante, o que promove a necessidade constante de avaliação e atualização (Legna, 2005). Por um lado, este facto promove, mais uma vez a ruptura com o determinismo e por outro promove o poder dos atores que, pelo facto de o futuro ser múltiplo e aberto, possuem uma necessidade de forte compromisso (Gabiña, 1998; Miklos, 2008).

Estamos então perante uma realidade em que o investigador já não operacionaliza uma ruptura (epistemológica) através do distanciamento do seu objeto de estudo, o investigador constitui-se como um apoiante dos sujeitos envolvidos na ação (Guerra, 2010). Neste caso, como diz Saragoça (s/d) “o sociólogo deve, para cada caso particular de estudo, determinar o grau específico de identidade entre o sujeito e o objecto, e, desse modo, o grau de objectividade acessível à pesquisa”.

O sociólogo deve estar preparado para esta possível “máscara” dos atores mas compete-lhe estar vigilante, recorrer a diversos instrumentos de recolha e análise de dados (incluindo as metodologias tradicionais como a observação, a análise documental, o questionário e as entrevistas) e criar situações favoráveis à aprendizagem ainda que todos saibamos que como diz Saragoça (s/d, p. 8), citando Bachelard (1981) “objectividade científica só é possível depois de termos rompido com o objecto imediato, de termos recusado a sedução da primeira escolha, de termos parado e contradito os pensamentos que nascem da primeira observação”.

A prospetiva como instrumento de participação de todos os atores tem também como benefício ser um importante fator pra diminuir e evitar conflitos entre os atores (Miklos, 2008). O facto de se constituir uma visão para o futuro, composta por um conjunto de ações que lhe darão forma e tal como refere Miklos (2008, p. 33) evita que determinadas decisões políticas inoportunas terminem em confrontos que conduzam à paralisação do desenvolvimento (social, comunitário, organizacional). Assim, em contraponto, esta metodologia pode incentivar o aparecimento de acordos, a constituição de redes e de trabalho conjunto

através da identificação de problemas e/ou interesses comuns, ainda que os atores não percam a sua identidade. O mesmo autor advoga que, deste modo, existe um maior controle da gestão devido à existência de compromissos.

Aqui devemos ter presentes os ensinamentos de Godet (1993, p. 39) sobre as recomendações para a prática da prospetiva, nomeadamente o facto de a informação ser “amordaçada pelo conformismo do consenso que tende a reconhecer-se na opinião dominante e a rejeitar a opinião minoritária” e, logo, duvidar das ideias feitas e das falsas certezas. Para tal, importa que sejam tomadas algumas precauções, nomeadamente promover a análise das interações entre atores e dos jogos de poder existentes (jogo de atores). A análise dos jogos de atores, conforme protagonizado por Fialho, Silva & Saragoça (2015, p. 155) realiza o recenseamento dos atores e dos seus desígnios, dos seus projetos e dos recursos, revela desafios estratégicos em torno dos quais os atores convergem ou, contrariamente, divergem. De acordo com estes autores pode mesmo acontecer que existam interrogações sobre as possibilidades de evolução das relações entre atores. No entanto, importa salientar que esta análise só será viável se os atores estiverem disponíveis para revelar os seus projetos bem como os recursos que lhe estão associados.

## **5. A prospetiva dos estudos do futuro em diferentes contextos de investigação sociológica:**

### **5.1 Cooperação intermunicipal**

Numa investigação em curso, propomo-nos estudar a cooperação entre municípios de uma NUT III, no âmbito da sociologia da ação.

A aplicação da prospetiva na análise e compreensão das relações de cooperação entre municípios entende-se como apropriada tendo presente que permite conhecer profundamente as variáveis-chave de um sistema onde a implicação dos atores no processo de mudança é essencial para a ação coletiva, para a construção de um «futuro desejado».

A investigação sobre padrões de interação entre municípios poderá constituir-se como um importante instrumento de identificação de consensos e de prevenção de conflitos. Por outro lado, a análise a empreender e a consequente compreensão deste fenómeno poderá constituir-se como um instrumento para a construção de novos modelos e de soluções em torno deste fenómeno social.

No seio da investigação importa que sejam desocultadas as estratégias e a capacidade (singular ou coletiva) de impor a vontade ou os seus objetivos a outros, incluindo aqueles que se apresentam mais divergentes e também a capacidade para formar consensos em torno de terminados objetivos. Como nos diz Herreros (2009, p. 62), de modo a promover a mudança é necessário que se conheça o sistema produzido pelos jogos coletivos.

Nas relações entre municípios estão presentes conceitos como interação, cooperação, negociação, consenso, divergência, regulação, incerteza, mudança, entre outros, justifica o interesse pela abordagem prospetiva, tal como protagonizado por Godet (1993, p.21) “há um postulado de liberdade face a futuros múltiplos e indeterminados”. A prospetiva permite que os atores antecipem futuríveis e possam, através da sua ação construir um futuro desejado.

O nosso posicionamento enquanto investigadores opera-se no Sistema de Ação Concreto (Crozier et al., 1977) relativo à cooperação entre municípios. Interessa-nos entender o modelo de organização da cooperação, o conjunto de jogos e estratégias empreendidos pelo atores em questão, quais os mecanismos de regulação (embora exista a consciência sobre a constante reestruturação da relação entre atores) (Saragoça, 2010, p.132) que estruturam a interação e, especialmente, as relações de cooperação entre estes atores na concretização de objetivos comuns.

A escolha sobre a aplicação da metodologia prospetiva ficou a dever-se (especialmente) a dois tipos de motivos: a realização de conhecimento científico num campo de análise que hoje se apresenta um interesse

crescente em diversos domínios do saber e poder contribuir para melhor “comprometer os atores na análise dos problemas para que possam, encontrando as soluções, mudar a si próprios” (Guerra, 2010, p. 31).

Anteriormente abordou-se a questão das terminologias adoptadas no âmbito dos estudos de futuro, no caso deste objeto de estudo é adoptada (e adaptada) a metodologia de Michel Godet.

Esta investigação enquadra-se no âmbito da sociologia da ação. Assim, para além do uso da metodologia prospetiva ao longo de todo este processo é nosso intuito que a última fase seja dedicada à análise e divulgação dos resultados e identificação de opções estratégicas. Pretende-se que este exercício possa contribuir para definir atividades com vista à construção do futuro, tendo presente os cenários identificados como futuros possíveis e desejados.

## **5.2 Avaliação de escolas**

Enquadrada no campo dos *Future Studies* enquanto abordagem interdisciplinar que estuda as mudanças passadas e presentes, procurando, através da análise das fontes, padrões e causas da mudança e da estabilidade, desenvolver a capacidade de antecipação e traçar futuros possíveis, a prospetiva constitui-se como uma metodologia adequada ao estudo e planeamento estratégico, portanto, com enorme potencial para intervenções não só no âmbito dos territórios como também pode ser utilizada para o planeamento estratégico das organizações, nomeadamente no que diz respeito à temática da avaliação de escolas quer a nível de autoavaliação como avaliação externa. A prospetiva é assumida como conjunto de análises e estudos realizados com o fim de explorar o futuro em determinado aspecto, considera: o futuro como um espaço múltiplo, a existência de futuros possíveis alternativos cujas probabilidades de ocorrência e de desejabilidade podem ser medidas.

Iremos operacionalizar este método em seis etapas. A primeira consiste na construção de um quadro de estratégias de atores onde cada ator será descrito como um bilhete de identidade (as suas finalidades, objetivos, constrangimentos e meios de ação internos e as suas atitudes). A segunda fase consiste em identificar os desafios estratégicos e objetivos associados, permitindo-nos indicar um determinado número de desafios estratégicos sobre os quais os atores têm objetivos convergentes ou divergentes. A terceira fase está relacionada com a construção de uma matriz de “atores x objetivos” indicando a atitude de cada ator face a cada objetivo passado, com o auxílio de uma escala constituída por valores que oscilam de valores negativos, neutro e valores positivos. Através da entrevista semiestruturada conseguimos recolher os objetivos de cada ator face à avaliação de escolas, e a partir da identificação desses objetivos procedemos à construção de um questionário específico que nos vai permitir quantificar a importância de cada um dos objetivos para cada um dos atores. A quarta fase baseia-se na hierarquização dos objetivos para cada ator, avaliando-se a intensidade do posicionamento de cada ator utilizando uma escala específica. Na fase seguinte, a quinta, procede-se à construção de uma matriz de influências diretas entre os atores a partir do quadro estratégico dos atores considerando os meios de ação de cada ator. As relações de força são medidas através do software MACTOR, a partir das influências diretas e indiretas de cada ator. A sexta fase consiste na integração das relações de força na análise das convergências e divergências entre atores (Saragoça, 2012).

Através do estudo sobre avaliação de escolas, temos como principais objetivos compreender as lógicas de ação dos atores, de modo a conhecer o seu grau de apropriação dos processos de autoavaliação e antecipar os “futuros possíveis” para estes processos de avaliação externa e interna do agrupamento de escolas que será alvo do estudo de caso em questão.

## **5.3 Profissional de Fisioterapia**

O estudo das Dinâmicas de Ação dos Fisioterapeutas Portugueses na recontextualização das suas práticas profissionais as suas tendências, problemas e perspetivas em estudo numa investigação em curso, desenvolve-

se com a contribuição da abordagem sociológica das lógicas de ação e privilegia o estudo da análise estratégica recorrendo à metodologia prospetiva.

O sistema concreto de ação tem um lugar central na análise estratégica sendo a organização considerada como um conjunto humano estruturado, e partindo do caso específico dos fisioterapeutas portugueses, propusemos analisar as suas dinâmicas de ação próprias num contexto organizacional, caracterizando ainda as interações entre os seus diferentes atores, bem como desenvolver um re-olhar sobre os fundamentos da análise estratégica e sistémica, para questionar a sua aplicabilidade no estudo em causa.

Em termos estritos tem sido nosso objetivo, analisar o quotidiano de trabalho destes profissionais nos seus diferentes contextos, propondo-nos efetuar uma abordagem qualitativa, dando ênfase a um meta-modelo RAR (recursos, atores, relações) que permita perceber as características deste grupo profissional.

É igualmente importante perceber como foi o seu passado e como é o presente, o conjunto de relações entre os diferentes atores, e como estas relações podem influenciar o futuro destes profissionais enquanto elementos integrantes ou da profissão ou classe profissional e cujas interações são mediadas pelos recursos do ambiente sociotécnico.

A aplicação do método prospetivo na análise e compreensão das relações dos atores é efetuada com o objetivo de sistematizar e organizar o futuro, prevenindo problemas e antecipando as tendências da profissão e dos profissionais. Aprofundando ainda o conhecimento das variáveis-chave do sistema, e envolvendo os atores em todo o processo numa ação coletiva. Como refere Godet (1993) o futuro pode ser modificado pelas ações dos diferentes atores, e esta ação pode segundo Perestrelo (2008), ser potenciada através de uma maior envolvimento dos atores em causa. Esta ação torna-se fundamental conduzindo assim conjuntamente à construção de um futuro desejado para todos os envolvidos.

Com enquadramento na sociologia da ação, esta investigação pretende contribuir para a identificação dos futuros desejados destes profissionais.

## **Considerações Finais**

As rápidas mudanças a que todos os indivíduos e as organizações estão sujeitas continuam a colocar a incerteza no centro das atenções quer de investigadores, quer de decisores.

Os estudos de futuro apesar de não serem um objeto de estudo apenas da atualidade, mantém e até intensificam a sua importância no mundo atual.

No âmbito do presente artigo apresenta-se uma pequena resenha sobre as principais Escolas da Metodologia Prospetiva, incidindo o foco principal na Escola Francesa pelo facto das investigações em desenvolvimento a utilizarem. Importou também focar a utilização desta metodologia no âmbito dos estudos sociológicos, especificamente no seio da sociologia da ação, em que os atores através da sua ação, da sua racionalidade limitada, possuem estratégias para alcançar consensos em torno de determinados interesses mas também não deixam de possuir a sua individualidade própria. Apresentamos a Prospetiva como uma metodologia de apoio à decisão e à ação dos atores, onde o sociólogo, apesar de possuir ferramentas teóricas e técnicas para continuar a ser um investigador é, simultaneamente um participante, um facilitador da ação.

Estamos conscientes que como qualquer outra metodologia adotada, a prospetiva possui inúmeras potencialidades mas também limitações e, não raras vezes, uma potencialidade pode constituir-se, simultaneamente, como uma limitação e vice-versa. Por este facto, dedicámos um capítulo da presente comunicação à questão das potencialidades e dos limites da metodologia em análise.

Por último e de forma demonstrativa, apresentam-se três investigações sociológicas, realizadas em grupos de investigação diversos, cuja metodologia adotada é a metodologia prospetiva.

## Referências

- Alvarenga, António & Carvalho, Paulo Soeiro de (2007). *A escola francesa de prospectiva no contexto dos future studies – Da «Comissão do ano 2000» às ferramentas de Michel Godet*. Lisboa: Ministério do Ambiente, do Ordenamento do Território e do Desenvolvimento Regional - Departamento de Prospectiva e Planeamento, Recuperado em 24 de maio, 2016, de <http://pt.slideshare.net/AntnioAlvarenga/a-escola-francesa-de-prospectiva-no-contexto-dos-futures-studies>.
- Azevedo Filho, Edson Terra; Perestrelo, Margarida & Molina Palma, Manuel António (2014). *O Pré-sal e os desafios do desenvolvimento tecnológico do setor de petróleo e gás brasileiro: uma abordagem prospectiva*. Recuperado em 29 de maio, 2016, de [http://www.aps.pt/viii\\_congresso/VIII\\_ACTAS/VIII\\_COM0439.pdf](http://www.aps.pt/viii_congresso/VIII_ACTAS/VIII_COM0439.pdf).
- Balão, Ana & Saragoça, José (2014). “A Prospectiva como Metodologia de Análise e Intervenção nas Relações de Cooperação entre Municípios, no Alto Alentejo”. In APDR, *20th APDR Congress. Renaissance of the Regions of Southern Europe*. Proceedings.
- Bell, Wendell (1996). “An Overview of Futures Studies” In Slaughter, R. A. (ed.), *The Knowledge Base of Futures Studies*, Vol. 1. Hawthorn, Victoria, Australia: DDM Media Group, pp. 28-56; 290-99, Recuperado em 27 de maio 2016, de [http://www.wendellbell.com/wp-content/uploads/2015/10/An-overview-of-FS\\_1996.pdf](http://www.wendellbell.com/wp-content/uploads/2015/10/An-overview-of-FS_1996.pdf)
- Cuhls, Kerstin (2015). “The potencial and limites of Foresight/Futures research”. In *World Conference of Futures Research 2015: Futures Studies Tackling Wicked Problems: Where Futures Research, Education and Action Meet, 11–12 June 2015, Turku, Finland*. Recuperado em 27 de maio, 2016, de <https://futuresconference2015.files.wordpress.com/2015/06/kerstin-cuhls.pdf>.
- Masini, Eleonora Barbieri (2011). How to Teach Futures Studies: Some Experiences. *Journal of Futures Studies*15(4): 111 – 120
- Concheiro, António Alonso; Vásquez, Javier Medina (2013). *Eleonora Barbieri Masini: Alma de los estudios de los futuros*. Mexico, Fundación Javier Barros Sierra, A. C. Recuperado em 27 de maio de 2016, de <http://www.fundacionbarrossierra.org.mx/wp-content/uploads/2012/12/Libro-Eleonora-Barbieri-Masini1.pdf>
- Jouvenel, Hugues (2004). *Invitation à la prospective. An Invitation to Foresigh*. Paris, Futuribles
- Crozier, Michel & Friedberg, Erhard(1981). *L'acteur et le système: les contraintes de l'action collective*. Paris: Éditions du Seuil.
- Fialho, Joaquim, Silva, Carlos Alberto da, Saragoça, José (coord). (2015). *Diagnóstico Social – Teoria, metodologia e casos práticos*. Lisboa, Edições Sílabo, Lda.
- Gabiña, Juan José. (1998). *Prospectiva y ordenación del territorio*. Barcelona: Marcombo, S. A.
- Miklos, Tomás (2008). *Prospectiva, gobernabilidad y riesgo politico: instrumentos para la acción*. México: Editorial Limusa, SA
- Legna, Carlos Alberto (2005). *Gestión Pública Estratégica y Prospectiva: con aplicaciones al ámbito regional e local*. Badajoz, Abecedario
- Galbraith, John, Kenneth (2007). *A anatomia do poder*. Lisboa, Edições 70.
- Godet, Michel, & Durance, Philippe (2011). *A Prospectiva Estratégica para as Empresas e os Territórios*, E.U.A.: Organização das Nações Unidas para a Educação e Cultura.
- Godet, Michel (1993). *Manual de Prospectiva Estratégica – Da antecipação à acção*. Lisboa: Publicações D. Quixote.

- Guerra, Isabel (2010). *Fundamentos e processos de uma sociologia da acção. O planeamento em ciências sociais*. Cascais: Príncípa Editora, Lda.
- Henshel, Richard (1982), Sociology and Social Forecasting, *Annual Review of Sociology*, 8: 57-69.
- Herreros, Gilles (2009). *Pour une sociologie d'intervention*. Toulouse: Éditions érès.
- Hess, Rémi (1983). *Sociologia da intervenção*. Porto, Rés.
- Marcotte, Jean-François (2002). Le sociologue du futur, *Esprit critique*, vol.04 no.12. Recuperado em 28 de maio, 2016, de <http://www.espritcritique.fr>.
- Moniz, António & Godinho, Manuel Mira (2001), A análise prospectiva como ferramenta de política de inovação: uma perspectiva socioeconómica, *MPRA, Munich Personal RePEc Archive*, Recuperado em 30 de maio, 2016, de <http://mpra.ub.uni-muenchen.de/6412/>.
- Perestrelo, Margarida & Caldas, José Maria Castro (1996). Estratégia de actores: prospectiva e avaliação. *Sociologia – Problemas e Práticas*. [Lisboa]. 22: 81 – 94.
- Perestrelo, M.; Moura, D.; Amor, T. (2000a). “Análise da Estratégia de Atores na Zona Oeste. Interacções, conflitos e consensos”. In *Actas do IV Congresso Português de Sociologia, Recentes, Futuros Próximos*, disponível em [http://www.aps.pt/cms/docs\\_prv/docs/DPR462dcacf18735\\_1.PDF](http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR462dcacf18735_1.PDF)
- Perestrelo, Margarida & Caldas, José Maria Castro (2000b), *Instrumento de análise para o método dos cenários. II Estratégia de actores*, Lisboa, Dinâmia/Centro de Estudos sobre a Mudança Socioeconómica.
- Santos, M. (2011). Texto de apoio sobre o método dos cenários – compilações. Repositório Universidade de Évora. Recuperado em Fevereiro 14, 2014, em [http://home.uevora.pt/~mosantos/download/Cenars\\_TextoApoio\\_25Jul2011.pdf](http://home.uevora.pt/~mosantos/download/Cenars_TextoApoio_25Jul2011.pdf)
- Saragoça, José (2012). *Diagnóstico e Prospectiva Social. Apontamentos*, Évora, Universidade de Évora/ECS.
- Saragoça, José Manuel Leal (s/d). *Epistemologia da sociologia*. Recuperado em 28 de maio, 2016, de [https://www.academia.edu/631960/Epistemologia\\_da\\_Sociologia\\_-\\_Apontamentos\\_para\\_a\\_sua\\_compreens%C3%A3o](https://www.academia.edu/631960/Epistemologia_da_Sociologia_-_Apontamentos_para_a_sua_compreens%C3%A3o).
- Saragoça, José Manuel (2013). “Breves notas sobre análise prospetiva”. In Silva, C. e Saragoça, J. *Cooperação, território e rede de Atores. Olhares de Futuro*. Évora: Universidade de Évora. pp. 343-354.

---

<sup>1</sup> Neste momento o LIPSOR procede a atualizações neste método.

<sup>2</sup> A primeira conferência internacional sobre *future studies* ocorreu em Oslo, na Noruega, em Setembro de 1967. Contudo, antes da constituição da Federação Mundial de Estudos do Futuro realizaram-se mais duas conferências internacionais em 1970 (Kyoto, Japão) e em 1972 (Bucareste, Roménia). O primeiro presidente da World Futures Studies Federation foi Bertrand de Jouvenel. Quer na Europa, quer noutras partes do mundo, é a partir daqui que se desenvolvem um elevado número de *future studies* e também são criados centros de investigação que têm o futuro como objeto, como é por exemplo a Fundación Javier Barros Sierra, A. C. (1976, México).